

Encontros ficcionais: entrevista com Andréia Delmaschio

Fictional Encounters: Interview with Andréia Delmaschio

Keila Mara Araújo*
Roberta Amorim*

Quando um periódico de estudos literários propõe dossiês dedicados a autoras e autores em destaque, nos alegramos com a oportunidade de encontrar ali um passeio atento, agradável e diverso por toda a obra que passaremos a conhecer melhor. Em se tratando da trajetória literária de Andréia Delmaschio, a escritora homenageada nesta edição da revista *Fernão*, a experiência criação-crítica adquire tons de encontro e trocas contínuas, visto que a própria autora constrói pontos de diálogo entre seus contos, poemas, pesquisa, crítica, publicações, docência e reflexão sobre o que vê e vive.

Nesse fluxo, *Tem uma lua na minha janela* (2015) recebe *Nas águas de Lia* (2018). Também *Aboio de fantasmas* (2014) encontra *Mortos vivos* (2008) em alguns momentos e dirige-se a quem lê, já nas notas de abertura, para dizer –

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

* Graduada em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo.

“É tudo ficção. Mesmo o que realmente ocorreu. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência. Melhor dizendo: Tudo realmente ocorreu. Mesmo o que foi inventado. Qualquer dessemelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência”. Em outras palavras, a leitora, o leitor, estão cientes de que todas as histórias e respostas presentes na literatura de Andréia Delmaschio funcionam como passagem, nunca um lugar estático na linguagem. E, quando se quer um chão seguro para pisar, a escrita da autora aponta a estrada ainda aberta, um convite com a sutileza, o humor incrédulo e o impacto de todas as possibilidades da ficção.

No âmbito de suas pesquisas de crítica e análise literária, Delmaschio escreveu *Nomes para viagem. Renato Pacheco: vida e obra* (2002), *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de cólera, de Raduan Nassar* (2004), *Renato Pacheco* (2007), *A máquina de escrita (de) Chico Buarque* (2014) e *Ensaio de literatura brasileira contemporânea* (2018); além de ter participado, durante projetos de ensino, pesquisa e extensão, da organização dos livros que priorizam contemplar a multiplicidade das vozes literárias: *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas* (2020) e *Primeiros ensaios de literatura: das trovas ao testemunho* (2021).

Andréia Delmaschio teve suas obras reconhecidas na premiação da Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo nos anos de 2007, 2014, 2015, 2016 e 2017. A entrevista a seguir, realizada de forma on-line, com o envio das perguntas e posterior retorno por escrito, passa também a integrar a obra da autora em sua composição ampliada, presenteando o público leitor com reflexões necessárias aos tempos de ausências.

K.A. e R.A.: Quando se trata de literatura, é controverso pensarmos em objetivos definidos ou finalidades, mas é possível refletir sobre o que a escrita mobiliza em nós. No conto “Eu quero ser homem”, do seu livro

***Aboio de fantasmas* (2014), a narradora, refletindo, diz: “Afinal, se sairmos deixando o mundo exatamente como estava quando chegamos, não precisávamos ter vindo” (p. 96). Que mundo sua escrita almeja levar a imaginar?**

Ali naquele contexto a questão se centra num sujeito transformador, na ideia de não viver uma vida em vão. Uma vida que valesse a pena, portanto, seria a de alguém que, com sua passagem, provocasse, no mundo, mudanças. Em território tão vasto não faltam ocasiões para fazer diferença. Na escrita e fora dela, quero menos projetar a utopia de um mundo perfeito, que a crença na possibilidade de fazer algo para que ele se torne um lugar melhor para se viver. As duas coisas não são a mesma, apesar de se ligarem. Hoje, bastaria que diminuíssemos o ritmo da destruição em que nos lançamos, e eu, um tanto menos idealista que a narradora da crônica, já veria vantagens.

K.A. e R.A.: Em seus livros de ficção há um trânsito permanente entre criar o vivido, o familiar, ora em um plano solar germinando, ora em um plano inebriado, inquietante, que deixa escapar a finitude, o assombro do tempo e da morte. Como se dá esse movimento entre temas de tanta amplitude, é mais confluência ou atrito?

É uma pergunta complexa, embora não pareça. Eu teria de fazer o esforço de recuperar os diversos estados de ânimo que, ao longo de décadas, resultaram em diferentes tipos de textos, com temas também variados. Respondendo de maneira direta e tentando abranger o conjunto, diria que, na maior parte das vezes, trata-se de uma confluência entre os atritos e as confluências. As duas circunstâncias que vocês apontam de fato estão lá, aguardando leituras e planos, recortes e pontos de vista de diferentes leitores.

K.A. e R.A.: Levando em conta a sua obra, numa visão mais ampla, que perpassa todos os livros e o blog aboiodefantasmas.blogspot.com, há a

presença de um humor sutil e lúcido em relação às dores da existência. Soa como uma generosidade da não relutância. Como seus projetos de escrita procuram ligar dor e humor?

A generosidade está em quem lê.

Talvez eu cultive, nesses escritos, um tipo de ironia que pretende chegar o mais próximo possível de não parecer o que é. Ironizar a dor contra a qual nada mais se pode é, inclusive, um tipo de luta. É a luta viável quando nenhuma outra faz sentido.

K.A. e R.A.: Há, nos livros *Tem uma lua na minha janela* (2015) e *Nas águas de Lia* (2018), uma experiência de deslocamento em direção ao que o imaginário infantil pode permitir. O que você, como escritora, procura encontrar no espaço que surge entre o olhar das crianças e a palavra?

Provavelmente, respostas para o que a criança que fui deixou naquela que sou hoje. Pensando bem, a minha criança está presente em tudo o que escrevo, se não em tudo o que faço. O fato de eu não a ter abandonado no imemorial me auxilia, hoje, na aproximação ao universo fascinante da infância. Entrar ali é reviver o que passou, mas a atenção dedicada às crianças, o investimento nelas (ouvi-las, ler e escrever para elas) é um benefício para o futuro. Sem receio de cair no senso comum e expondo a bússola que me guia, penso que é um dos trabalhos mais importantes que alguém pode realizar.

K.A. e R.A.: A leitura nos leva a fazer várias viagens sonâmbulas em *Mortos vivos*. O neurocientista Sidarta Ribeiro acredita na consciência do sonho e desenvolve, no livro *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019), investigações destinadas a identificar indícios fisiológicos que reforcem a noção de que os sonhos são propulsores da

nossa memória e da imaginação criativa. Como você imagina o sonhado em sua escrita?

Uma parte desse meu primeiro livro de crônicas nasceu de um caderno de registros de sonhos mantido durante alguns anos. Inclusive o livro, de início, se chamava *Livro dos sonhos*, mas, com o passar do tempo, fui acrescentando a ele textos de outra matriz, e resolvi mudar o título.

Nos meus sonhos eu sou uma grande cineasta, e, invariavelmente, me impressiono com o que pode o inconsciente, em matéria de formação de imagens, de construções narrativas, de exumação das memórias. Os sonhos e pesadelos noturnos dispõem de sonoplasta, fotógrafo, contrarregra, de um roteirista autêntico, extravagante e muito pouco convencional, e neles eu sou uma boa atriz, protagonista, que fala vários idiomas, é ousada e tem medo, literalmente bate e apanha, mergulha, voa, dança, move objetos com a força da mente, tudo o que eu mesma adoraria poder fazer, enfim. Como afirma Jacques Derrida, “o inconsciente é multimídia”. Não conheço palavra para designar com clareza e facilidade as experiências do mundo onírico, é sempre um esforço de tradução. Por isso mesmo espero poder explorá-lo ainda mais no âmbito da escrita, para além das sessões de análise.

Seria fascinante tomar parte num experimento como o que vocês referem, por meio do qual se pretende, até onde sei, despertar no sonhador a capacidade de comandar os próprios sonhos. Eu adoraria poder realizá-lo. O que acontece às vezes é de eu saber que estou sonhando, e, inclusive, de despertar por vontade ou necessidade, mas ainda não consigo produzir, intencionalmente, um sonho. Sigo em treinamento.

K.A. e R.A.: Em *A máquina de escrita (de) Chico Buarque (2014)*, você aborda o conflito do ser pensando a *questão do nome* na fragmentação que Chico Buarque faz de si e de seus personagens. Considerando que

historicamente a nomeação se mostra como um ato significativo para o ser humano, haja vista que é capaz de indicar experiências e identidades, você acredita que, na atualidade, seja possível falar de uma reorganização das identidades – porque fragmentadas – e, por isso, uma dessacralização da *questão do nome*?

Jogar com isso na ficção não é uma mera dessacralização da questão do nome. Nem é o cumprimento da promessa de destruição do eu monolítico. Exercícios como esse parecem ser antes a mostra da necessidade de reforço de certas identidades.

Por exemplo, o abalo que Chico Buarque provoca na cristalização pretendida por outrem do seu nome de autor, e, portanto, de uma identidade (não só artística) sua, ao longo da carreira – algo que aponto no início do livro –, é, ao mesmo tempo, uma tentativa de escape às malhas da fama (no seu próprio caso), das engrenagens do show business (em *Roda viva*), da excessiva exposição da imagem (em *Benjamim*) e da sensação de esfacelamento esquizoide (em *Estorvo*), mas não deixa de, paradoxalmente, chamar à atenção para isso mesmo que tenta desestabilizar.

São potências que trabalham em direções opostas: de um lado, o esforço de construção e cristalização de imagens (e, portanto, de nomes); de outro, a tentativa de burlar esses esquemas de ação engessantes, tarefa impetrada, conforme se disse, a partir da experiência de estilhaçamento dos nomes (e estereótipos) impostos. Há vários casos espalhados ao longo da obra de Chico Buarque, os quais examino no livro. Entre todos, para mim o mais interessante, porque mais sutil, é a criação, no romance *Budapeste*, do personagem húngaro Kocsis Ferenc, poeta cujo nome é um anagrama fonético imperfeito de Francisco (como o Buarque de Hollanda), com todos os aspectos que constituem o traçado narrativo daquele, posto em atrito com os trajetos do narrador e do autor.

Pela própria existência de um jogo assim complexo em torno de nome próprio, nome de autor e de personagens, a ficção buarquiana dá mostra de como a questão identitária ainda nos importa e faz refletir.

K.A. e R.A.: Nesta era em que a internet modifica a maneira de estarmos presentes, as definições de autoria também são impactadas: o rosto, a voz, a visão de mundo, algo da vida particular acaba entrando para o círculo de criação/exposição do que pode se conceber como obra. Por escolha, você não criou perfis em redes sociais, mas mantém o blog literário aboiofantasmas.blogspot.com desde 2009. Como você avalia a relação autor-livro-internet-leitores-literatura?

O *Aboio de fantasmas* é um velho companheiro que teimo em não abandonar. Durante algum tempo, ele foi um bom instrumento para mensurar a recepção. Hoje, quando os blogs literários não mais são moda, é uma ferramenta para o registro de exercícios de escrita que por vezes nem mesmo tornam públicos. É uma espécie de máquina de escrever e armazenar pela qual nutro um grande carinho. Conforme declaro na abertura do blog, “como espaço de escrita que é, serve de desaguadouro a tudo o que me encanta, ou, pelo contrário, me apavora”. Ali é onde esboço os meus textos (poemas, crônicas, contos, um ou outro ensaio sobre cinema e literatura), e eu ainda o mantenho porque, cada vez mais, o texto – especialmente o ficcional – é o meio pelo qual me interessa comunicar-me com as pessoas em geral.

Quanto ao mais, redes sociais como aquelas em que se postam sobretudo fotografias da intimidade, realmente não me atraem. Tenho pouca curiosidade sobre a vida privada das pessoas, do mesmo modo que não aprecio a exposição da minha privacidade. Além disso, existe o tempo que a dispersão nas malhas dessa rede exigiria. Eu gosto de ler livros de papel, e, cada vez mais, busco tempo, espaço e silêncio para escrever.

Certamente pago um preço por essa opção. Deixo de saber de muita coisa importante e de acompanhar eventos de interesse, mas tudo isso me soa como uma vida suplementar, um avatar que ainda não tive o desejo de criar.

K.A. e R.A.: A partir de suas produções de crítica literária, de seus ensaios e dos trabalhos desenvolvidos no mestrado e no doutorado, vemos sua dedicação em perscrutar textos de autores contemporâneos diante do processo de escrita e da recepção. Como podemos entender seu interesse pela "escritura" diante da literatura contemporânea? Em sua concepção, o que significa a "escritura"? O interesse por esse conceito está também em suas produções ficcionais?

A noção de escritura recobre um território vasto, que se estende da simples ideia de texto escrito até a de escrituras sagradas, por exemplo. No período em que desenvolvi as pesquisas citadas na pergunta, estive bastante interessada no modo como Barthes e Derrida – cada um a seu modo e com suas razões – lidam com ela, por vezes não propriamente como um conceito, e, por outras, em substituição ao termo mais usual "literatura". A escritura que indaguei em meus estudos sobre alguns autores da contemporaneidade é, muito provavelmente, aquela que tange a questões que me importam também como alguém que escreve. Esse interesse, creio, pode ser visto numa tripla chave: escrevo, analiso textos e leciono. Nas três frentes, os meus modos de abordagem se fiam sempre em evitar a armadilha de um certo cegamento ou esquecimento de que lidamos com uma arte, cuja importância jamais pode estar somente fora, depois, para além ou aquém do próprio objeto. Considero que a militância em torno de questões – importantes, sem dúvida – que a escritura (a contemporânea também) nos coloca não deve autorizar um pulo por cima da sua fatura. Se somos fiéis a cada detalhe de um texto, quando o transcrevemos, é porque reconhecemos a importância do exato resultado alcançado ali. Ignorar, diminuir ou usar um texto como pretexto, numa pirueta utilitarista, anularia sua eficácia como escritura. Diariamente lamento o sequestro de mentes brilhantes para o

além da literatura sem se deparar verdadeira e honestamente com aquilo que deu tanto trabalho ao autor construir, para, com aqueles termos, e não com outros, entregar o objeto que entregou. Digo isso porque parece haver hoje uma certa ditadura do jogo de amarelinha (outro, que não o do Cortázar) em que o texto ficcional é a casa com a pedra, sobre a qual nem se pisa, e, no entanto, pretende-se, com esse salto, alcançar o céu.

K.A. e R.A.: Ao analisar suas publicações, fica evidente sua dedicação em perscrutar textos de autores contemporâneos diante do processo de escrita, a exemplo do livro *Ensaio de literatura brasileira contemporânea* (2019). Ao longo da composição desse trabalho e neste momento da recepção das/os leitoras/es, quais pressupostos sobre a literatura contemporânea foram confirmados e quais inquietações permaneceram ou se reconfiguraram?

É uma coletânea de ensaios já publicados sobre Guimarães Rosa, Raduan Nassar, Chico Buarque, Renato Pacheco e Evando Nascimento, autores a cujas obras dediquei uma boa parte dos meus estudos. Ofereço-o aos alunos da graduação e da pós-graduação em Letras, aos quais costumo sugerir a escrita de ensaios, esse gênero importante para todos que pretendem desenvolver o trabalho crítico. Todos os textos foram escritos nas últimas duas décadas, e, não tendo sido abjurados, achei válido apresentá-los aos meus alunos atuais e aos que ainda virão. O livro foi lançado em 10 de março de 2020, e, na mesma semana, entramos em isolamento devido à pandemia de Covid 19, o que dificultou a distribuição do livro físico, impedindo que se avaliasse a recepção desses textos hoje. O e-book no entanto segue disponível para download em <https://profletras.vitoria.ifes.edu.br/index.php/producao-academica/producao-intelectual>

K.A. e R.A.: No livro *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de cólera, de Raduan Nassar* (2004), você discute os jogos de aparência

possibilitados pela linguagem escrita e falada ao pensar a encenação proposta pelo autor. Hoje, o grande e intenso acesso que se tem às redes sociais fez com que os limites existentes entre escrita e fala se tornassem ainda mais instáveis. Percebendo a possibilidade de afirmar que a estratégia de Raduan Nassar, de sugerir que o “fingimento” em ambas as formas de manifestação do discurso, figura o mundo empírico, você pensa que, no cenário atual, o apagamento das diferenças entre o discurso oral e escrito tem ensaiado novas formas de “fingimento”?

É uma pergunta instigante.

Na novela de Raduan Nassar, a noção de fingimento, como leio, é posta numa linha semântica junto à ideia de teatralidade. O teatro dos afetos, que não é meramente fingir, no sentido comum, diz respeito antes ao contexto em que as personagens estão envolvidas, e que concerne às suas diferenças (de idade, de gênero, de personalidade, de formação intelectual e de opção política). As cenas que o casal protagoniza acabam configurando o único modo viável de expressão dos seus afetos, ora ternos, ora francamente fascistas, por revelarem o desejo recôndito de destruição do opositor.

Quiçá a assunção e a queda, em *Um copo de cólera*, do discurso coloquial e do diálogo, os quais vão sofrendo mudanças até se transformarem num bilhete escrito a mão e jogado num canto da casa, configurem mais um modo de performar as diversas facetas da nossa arquiescrita. Escrever não é exatamente ou simplesmente fingir; é um jeito de, ao mesmo tempo, assumir-se que se finge, o que pode liberar para atitudes subversivas, ao soltar certas amarras. Se no anonimato, então, as possibilidades se multiplicam, para bem e para mal. É o que as redes sociais têm nos mostrado dia após dia, e, suspeito, abrange as outras circunstâncias a que a pergunta remete.

K.A. e R.A.: Paulo Freire nos alerta sobre o inegável fato de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. É possível ampliar tal categórico e compreender que a leitura da palavra literária contribui com a leitura de mundo, no sentido de a primeira atuar no desenvolvimento da criticidade?

É certo que sim. A formulação já está em Paulo Freire, com outras palavras. Afinal, a assertiva destacada na pergunta não é, como pode parecer a alguns quando retirada do seu contexto, uma proposta – de que a leitura de mundo venha antes da leitura da palavra. É a constatação de um fato. Por sua vez, que a apreensão do mundo seja vista como leitura é muito mais que mera concessão feita ao ato de ler; é o reconhecimento da sua importância. A própria dicotomização não é muito grata ao pensamento freireano. A ideia é antes associar que apartar as experiências que emergem no contexto escolar, daquelas que vêm de fora dele. A experiência sensorial, por exemplo, demanda a expressão em palavras, ao passo que esta deve resgatar as experiências vindas daquela. Que os educandos retornem aos objetos, circunstâncias e relações do seu cotidiano munidos de uma maior capacidade expressiva é o resultado esperado de uma educação crítica, libertadora, e que passa pela desejada leitura, cada vez mais abrangente, da palavra.

K.A. e R.A.: Em alguns textos de *Mortos vivos*, a exemplo de “O boneco da caixa de surpresas”, “Entre a paixão e a razão” e “A nova morena do requebra”, podemos visualizar a síntese de um país sob o recorte das telas, mais propriamente da TV. Esses textos parecem evitar recursos que não sejam a descrição crua do que é apresentado aos olhos. Tal estratégia encontra a medida exata para transformar o riso do ridículo em náusea incômoda e desanimadora. Qual é a sua visão sobre a sociedade visível nas telas na atualidade, nos smartphones? Como a visualização desse mundo impacta sua escrita?

Quando escrevi essas crônicas, a TV ainda era a tela de maior domínio. Os textos finais do livro prestam tributo às pregações da igreja eletrônica, aos discursos dos programas de auditório e comerciais de brinquedos infantis muito em voga na época. Buscando o específico de algumas cenas, deparei-me com um problema de linguagem: em que registro captar o que já é uma caricatura? Eu não precisava acionar certos recursos para criar nem o ridículo, nem o degradante; eram primores de construção discursiva no campo do absurdo. Um deslize qualquer de exageração e eu talvez retirasse a força tragicômica que queria captar daquelas cenas. Daí a tentação de, contra todas as evidências de que se trata de algo impossível, simplesmente registrar. Se pessoas são capazes de comprar o deus charlatão das fronhas curativas, dos feijões milagrosos e unções sagradas, ou de expor diante de um auditório as suas mais íntimas mazelas em troca de uma sessão no cabeleireiro, que seria de discursos e diálogos assim quando apresentados sob o rótulo de ficção? Seria plausível que risse deles o leitor que conhece minimamente as circunstâncias mencionadas? Foram as perguntas que me levaram a essa experiência com os limites entre humor e horror. Eu precisava descobrir se, cobertos pela aura do ficcional, esses tristes espetáculos sociais se tornavam mais, ou menos grotescos.

K.A. e R.A.: Sônia Kramer afirma que “assumir uma educação como resposta responsável exige atuar contra todo tipo de preconceito, discriminação, estereótipo, negação, exclusão [...] (2013, p. 34). Diante dos discursos de ódio e violência, que ganharam mais espaço na sociedade brasileira nos últimos anos, como a educação pode interferir na formação de uma postura ética mais significativa?

A Educação pode, e muito!

Acontece que falar em Educação de um modo genérico ou abstrato não dá uma ideia mais exata da situação em que estamos. O que é a Educação, hoje, no

Brasil? Em grande medida, é a reafirmação de diferenças de classe, é garantia de ampliação da desigualdade e privação de oportunidades.

Educação tem de ser o oposto disso. Suas ações devem passar tanto pela formação e constante aprimoramento dos profissionais envolvidos, quanto pela valorização da categoria, em todos os sentidos do termo. Quando se determina que um professor terá um salário indigno, realiza-se, com essa ação, parte de um projeto de sociedade. Educação tem de ser também a garantia de condições para o melhor desenvolvimento possível de um aluno, na escola. Isso abrange, além de todo o corpo de trabalhadores da Educação, a estrutura material para o aprendizado e as condições de bem estar.

Mas, ainda que se invista em tudo isso, se não se resolver o problema da desigualdade sócio-econômica, não se resolve o problema da Educação, porque os educandos não vivem na escola. A suposta igualdade de direitos e condições tem de seguir com eles no trajeto da escola à casa, na comida que comem, na roupa que vestem e nos lugares que devem poder frequentar. Ou seja, a Educação tem um papel importantíssimo, mas ela deve ser parte de um projeto transformador de sociedade.

K.A. e R.A.: Nas entrevistas reunidas no livro *Notícia da atual literatura brasileira (2020)*, a questão da atual política atravessa os diálogos estabelecidos com os autores brasileiros. Como ocorreu em outros momentos de intensa crise, a literatura também se movimenta em resposta aos abalos que afetam a sociedade. Em sua visão, como caminha a atual literatura brasileira?

A prática no projeto de pesquisa que deu origem ao livro, o qual segue agora para um segundo volume, desvelou-me um panorama bastante razoável do que vem sendo escrito Brasil afora. A literatura não vai mudar nada diretamente, mas, como outras artes, ela tem seu papel na abertura de canais sensíveis e críticos,

e isso é fundamental para que não nos entreguemos de vez à desumanidade que bate à porta.

Referências:

DELMASCHIO, Andréia. *A máquina de escrita (de) Chico Buarque*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DELMASCHIO, Andréia. Aboio de fantasmas. Disponível em: <<http://aboiodedefantasmas.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

DELMASCHIO, Andréia. *Aboio de fantasmas*. Vitória: Secult-ES, 2014.

DELMASCHIO, Andréia. *Ensaio de literatura brasileira contemporânea*. Vitória: Edifes, 2019.

DELMASCHIO, Andréia. *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de cólera*, de Raduan Nassar. São Paulo: Annablume, 2004.

DELMASCHIO, Andréia. *Mortos vivos*. Vitória: Secult-ES, 2008.

DELMASCHIO, Andréia. *Nas águas de Lia*. Vitória: Cousa, 2018.

DELMASCHIO, Andréia. *Tem uma lua na minha janela*. Vitória: Secult-ES, 2015.

CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020.

KRAMER, Sônia. A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). *Educação, arte e vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 29-46.

RIBEIRO, Sidarta. *Oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.